

As humanidades estão mais pobres com o falecimento de Maria Laura Bettencourt Pires. Uma mulher suave, apaixonada pela cultura americana e que inspirou gerações de estudantes em três instituições de ensino superior de Lisboa. A Maria Laura conciliava uma generosidade sem limites a uma curiosidade sempre disponível para o diferente e para a inovação. Sentíamos-lhe a melancolia pelo muito que haveria a aprender. Definia-a uma palavra muito rica: professora. Soube sempre que professor é aquele que sente a sua função como privilégio e não como posição ou emprego. Não lhe digo adeus, mas farewell!

Isabel Capelo Gil, Reitora da UCP
Diário de Notícias, 22 de Junho de 2022

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES

Perfil de uma amizade

1 - Conheci a Laura em 1987, por alturas das minhas provas de doutoramento, pedidas no ano anterior à Universidade de Lisboa, através da Faculdade de Letras. Entre a entrega da tese, a nomeação do júri e a marcação das provas poderiam decorrer largos meses, o que aconteceu comigo. E, também no meu caso, o processo arrastou-se porque, após a entrega da tese fui aconselhada a não pedir dispensa das provas complementares. A minha classificação final na tese de licenciatura permitir-me-ia fazê-lo, mas decidi seguir a orientação de quem sempre fora de bom conselho, e preparar, em três meses, uma “mini-tese”, nome por que ficou conhecido o “Estudo Complementar”, um dos três modelos possíveis adoptados para a prova complementar. Estando a minha tese inscrita na recém-criada e muito polémica área de “Cultura Inglesa” a prova complementar teria que se inscrever em área científica afim – não na mesma. A tese, que demorara anos a fazer, incidia sobre a obra de Thomas Carlyle (“Cultura Inglesa”), e a mini-tese sobre as “short stories” de E. M. Forster (Literatura Inglesa). Ao fazer-se a constituição do júri, a Laura, que se tinha doutorado em 1985 em Estudos Anglo-Portugueses pela Universidade Nova, foi convidada a arguir a tese de doutoramento.

Com a amabilidade com que é unanimemente caracterizada, contactou-me, e falou-me em documentação carlyleana depositada em bibliotecas dos Estados Unidos, que me poderia facultar em fotocópia. Não me recordo ao certo quando esse primeiro contacto foi feito, mas de certeza que em nada feriu a ética académica. A tese estava seguramente entregue e a nova documentação em nada a poderia modificar. O que recordo, com carinho, destes primeiros contactos foi a generosidade e a disponibilidade da Professora Maria Laura Bettencourt Pires, com quem eu fazia imensa cerimónia, e me surpreendia sempre por me tratar com uma proximidade afectuosa que eu achava que não merecia. Depois do doutoramento começaram a surgir cada vez mais ocasiões em que o meu percurso académico se cruzava com o da Laura. De Professora Maria Laura Pires passei a dirigir-me e a referir-me a ela por Maria Laura e, mais tarde, Laura, simplesmente.

Os cruzamentos e aproximações aconteciam principalmente em torno de eventos académicos, como júris de mestrado e de doutoramento ou conferências, mas a Laura gostava imenso de cobrir de mimos as amigas, e convidava-me muitas vezes para tomar chá com ela, em lugares muito acolhedores, perto da zona em que ambas vivíamos, em ruas diferentes, mas muito próximas. Não me recordo, infelizmente, de muitas dessas conversas, mas algumas coisas ficaram na minha memória. Uma delas, o seu entusiasmo pelos computadores portáteis, quando apareceram. Dizia-me que não havia nada melhor do que poder estar confortavelmente sentada no sofá da sala, perto do marido, o Hugo, com o computador ao colo, sem precisar de interromper o trabalho para estar, ao mesmo tempo, em família. A ela devo a inspiração para a aquisição do meu primeiro computador, um portátil Bondwell, ainda nos anos oitenta. E nunca mais quis outra coisa.

Além dos chás, a Laura adorava dar flores, e não têm conta os bouquets maravilhosos, ou os vasos de flores frescas, que me mandava no dia dos meus anos, ou quando queria assinalar algum acontecimento académico importante para mim, como ser aprovada em concursos ou quando fiz as provas de agregação, em 2004. Além das flores ou pequenas lembranças alusivas às actividades académicas, tinha um procedimento muito próprio para o envio de mensagens por email: eram acompanhadas por ilustrações, o que tornava às vezes os documentos tão pesados que eu não os conseguia abrir.

A Laura integrou vários dos meus júris de concurso ou provas. Na verdade, do ponto de vista dos interesses de investigação, partilhávamos alguns temas e autores, sobretudo no vasto âmbito dos “Estudos de Cultura”. Recordo, com saudades, os contactos com o Prof. Ian Campbell, que a Laura conheceu no curso das suas investigações sobre Robert Louis Stevenson e que eu conheceu como especialista de Carlyle e Presidente da Carlyle Society. Campbell era um entusiasta dos eléctricos de Lisboa, colecionava miniaturas e toda a informação possível sobre este meio de transporte público. Veio a Lisboa pelo menos uma vez, para fazer uma conferência no âmbito do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa, em que eu coordenava uma linha de investigação em Estudos de Cultura. Ficou instalado num hotel no Campo Grande, onde sofreu um acidente: escorregou, caiu nas escadas do hotel, e teve que ser hospitalizado. Foi a Laura quem o socorreu, quem lhe deu o apoio necessário no que foi um acontecimento traumático para Ian Campbell. Recordo a genuína preocupação da Laura, os seus incansáveis esforços para resolver os problemas práticos do regresso a Edimburgo, o acompanhamento da situação até ao restabelecimento.

O interesse comum pelos Estudos de Cultura foi uma das razões que levaram ao convite que me foi feito pela Professora Isabel Casanova, então subdirectora da Faculdade de Ciências Humanas da UCP, para fazer a apresentação pública do livro da Maria Laura *Teorias da Cultura*, publicado pela Universidade Católica Editora, em 17 de Novembro de 2004. Penso que essa obra representa muito do pensamento e do estilo de comunicação científica da Laura, pelo que reproduzo, no final desta introdução, o texto que então preparei. No meu exemplar a Laura inscreveu uma dedicatória manuscrita, na sua bela letra, grande e muito bem proporcionada: “When true friends meet in adverse hour. ‘Tis like a sunbeam through a shower. Uso palavras de Scott para dizer o que penso. Um beijinho da Maria Laura.”

2. As actividades académicas da Laura foram descritas com grande clareza e rigor por Mário Avelar, no Preâmbulo do volume por ele coordenado, publicado por ocasião da jubilação, em 2002, da Professora Maria Laura Pires. Intitulado *Viagens pela Palavra: Maria Laura Bettencourt Pires. Miscelânea de Homenagem*, Universidade Aberta, 2005, o volume reuniu então cerca de 24 artigos, de diferentes professores e investigadores,

reflectindo os variados interesses científicos desenvolvidos pela Laura até esse momento. Mas a sua actividade académica estava longe de ter terminado.

Em 2004 iniciei funções como Vice-reitora da Universidade Católica e acompanhei de perto a Faculdade de Ciências Humanas onde a Laura começara a leccionar, por volta do ano de 2001. Também nesse ano fora admitida como membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. Acompanhei, igualmente, as actividades do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, onde a Laura foi investigadora e coordenadora de algumas linhas de investigação. Recordo-me que ela nunca faltava às reuniões de investigadores e, não obstante a sua senioridade e indiscutível prestígio, tomava o seu lugar entre os investigadores, com a maior naturalidade simplicidade.

Através da Universidade Católica Editora publicou, em 2007, na série Campus do Saber, o livro *Ensino Superior: Da ruptura à inovação*. Em 2009, com Vítor Amaral de Oliveira, coordenou a publicação de *Nova lorque: de Topos a Utopos*, resultado de um projecto de investigação do CECC. Na minha abundante troca de correspondência por email com a Maria Laura, de que tenho registos desde 2007, encontram-se alguns dos seus projectos de publicações. Sendo eu responsável pela Universidade Católica Editora, tais projectos passavam por mim. Em 26 de Maio de 2008 escreveu-me referindo: “(...) tenho material para uma publicação que se poderia integrar na colecção Investigação (Ciências Sociais e Humanas ou Nunc) ou noutra. Trata-se do tema dos intelectuais públicos que tenho vindo a investigar há já algum tempo com ênfase especial sobre as mulheres intelectuais no século XX, como Martha Nussbaum ou Mary McCarthy (sobre a qual apresentei uma conferência na última reunião da APEAA em Aveiro).”

Devo ter respondido imediatamente, porque, no dia seguinte, uma nova mensagem da Laura apresentava já os contornos de um livro que iria incidir principalmente sobre as “intelectuais públicas portuguesas”. Ao longo desse ano e do ano seguinte, foram várias as mensagens da Laura em que me falava no progresso do trabalho, intercalado com inúmeras outras actividades académicas – conferências, viagens ao estrangeiro, convites para colaboração em diversas universidades nos Estados Unidos e no Reino Unido – assim como com algumas preocupações com a saúde de membros da sua família, mas também a alegria de ter celebrado, em Junho de 2008, em Oxford, o doutoramento da sua filha. Em meados de 2010 faltava apenas decidir quem escreveria

o prefácio, o que seria concretizado pela Ana Vicente. A 12 de Novembro de 2011 foi feito o lançamento do livro *Intelectuais Públicas Portuguesas: as musas inquietantes*, que também tive o gosto de apresentar. A temática das intelectuais públicas relacionava-se com o projecto "Cultural Wars, Public Intellectuals and the Making of Citizenship", em que a Laura participava, no contexto da linha de investigação Cultura e Conflito, do CECC. Neste âmbito coordenou, com Helena Gonçalves da Silva e Inês Espada Vieira *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship*, também publicado pela Universidade Católica Editora em 2011.

Ainda no quadro das actividades do CECC organizou, em 2012, o colóquio Re-contextualizing Science in a Humanistic Perspective, inscrito no projecto de investigação que coordenava, intitulado Epistemological Theories - Ways of Seeing the World, de que resultou a publicação, também pela universidade Católica Editora, em 2013, do volume *As Humanidades e as Ciências: Dois modos de ver o mundo*, que organizou em conjunto com a sua filha, Maria Alexandre Bettencourt Pires.

3 – Em 2011 abraçou um novo projecto: o lançamento de uma revista electrónica, que situou no contexto da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa de que era então Presidente o Professor Manuel José do Carmo Ferreira. No da *Gaudium Sciendi* que agora publicamos, as palavras do Prof. Carmo Ferreira, no seu "Testemunho", evocam o desenho deste projecto, que a Laura concretizou em Março de 2012, com a publicação do primeiro volume da Revista.

Também a este propósito encontrei um grande número de mensagens da Laura para mim, sendo a primeira datada de 03-06-2011, em que me informava ter sido "nomeada Directora da recém-criada Revista On-Line da Sociedade Científica." No dia 16 do mesmo mês, já depois de uma conversa presencial, a Laura escreveu-me uma longa mensagem, onde referia que tinha proposto, para título da publicação, *Meliora*. Enviava-me, também, as linhas gerais de apresentação da revista, que manteve aos longo dos anos, e que transcrevo:

"A revista on-line da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa está acessível electronicamente no site da Sociedade e publica artigos relativos a um amplo leque de temas, tais como religião, artes, humanidades, medicina, música e direito. A

Direcção convida os colaboradores a enviarem textos baseados em investigações realizadas recentemente assim como contribuições de natureza mais analítica ou reflexiva. A Revista compromete-se a publicar não apenas originais com os mais altos níveis de erudição como também a incluir em todos os números matérias que sejam de interesse e utilidade para um público mais vasto. Alguns dos números da Revista poderão ser dedicados a um único tema, sendo nesse caso convidados a participar reconhecidos especialistas na matéria, tanto no mundo académico nacional como internacional.

Cada número da Revista incluirá:

∅ Um artigo de fundo

∅ Debates abertos sobre vários temas, tais como: Eutanásia, As mulheres e a Igreja, a As duas culturas: as humanidades e as ciências exactas, Fé e a Ciência, O acordo ortográfico, As indústrias culturais, A mística do microscópio electrónico.

∅ Recensões críticas

∅ Comentários dos leitores

∅ Biblioteca on-line. Esta secção da Revista funcionará como um arquivo onde se poderão consultar electronicamente números de outras revistas que já não estejam à venda.”

Depois de várias mensagens e reuniões com a Laura sobre outros assuntos, designadamente um projecto de intercâmbio com a East Michigan University, começaram a circular por correio electrónico as mensagens com pedidos de colaboração para o primeiro número da revista que, entretanto, adoptara o título de *Gaudium Sciendi*. No Editorial do nº 1, a Laura explica, em pormenor, o significado deste título. Depois, encontro no meu email, com regularidade, as circulares com pedido de colaboração para o nº 2, em que colaborei com um artigo, bem como as muitas referências a um simpósio organizado pela Sociedade Científica em 2012 sob o tema “A Transversalidade Linguístico-Cultural da Bíblia”, cujas comunicações vieram a constituir o nº 3, apresentado como número temático. E foi apenas o princípio.

Ao percorrer o conjunto dos volumes publicados desde o início, podemos verificar a regularidade das publicações semestrais, não tendo nunca falhado nenhuma ao longo dos dez anos em que a revista foi publicada. Podemos, igualmente, constatar o forte cunho pessoal da Directora, Professora Maria Laura Bettencourt Pires, autora de todos os Editoriais, do *lay-out*, marcado por ilustrações ou diferentes texturas de fundo, bem como de muitos artigos em diversos números.

Quando, em 2016, substituí o Professor Carmo Ferreira na Direcção da Sociedade Científica, o estado de saúde da Laura era preocupante. Em mensagens trocadas ao longo do mês de Abril, fui tendo notícias da gravidade da situação e das dificuldades de recuperação. Também através de mensagens por email e de telefonemas, a Laura foi-me falando sobre a publicação do volume nº 10, que já estava em preparação, e que foi divulgado na net em finais de Julho. Várias vezes tentámos combinar um encontro presencial para trocarmos impressões sobre a Revista, que eu gostaria de ver mais articulada com os projectos da Sociedade Científica. Mas, por uma razão ou por outra, apenas conseguimos concretizar a projectada conversa no Dia da Universidade de 2017, a 3 de Fevereiro. Entretanto, o nº 11 da Revista fora já publicado em Janeiro.

Foi uma conversa muito cordial e muito delicada, em que a Laura evidenciou os dois traços de personalidade que Manuel José do Carmo Ferreira tão bem definiu: “uma firmeza suave e uma persistência serena, marcantes no trato pessoal e na condução do seu trabalho editorial, a que se associava um carácter extremamente escrupoloso, solícito no atendimento das pessoas, meticoloso nas decisões a tomar e respeitador das instituições em que se inscrevia a sua actividade.” No final ficou para mim claro que a Laura não iria modificar em nada o perfil da revista ou as práticas editoriais que vinha seguindo desde 2012. E assim continuou a vida da revista, com total autonomia em relação à Direcção da Sociedade Científica. A cada novo número, com amabilidade desarmante, a Laura escrevia-me, convidando-me a responder a uma entrevista e/ou a colaborar com um artigo. Não veio a acontecer. Enviava-me, também, o Editorial, de sua autoria, através do qual eu tomava conhecimento das linhas gerais do conteúdo da Revista antes da publicação *on line*.

4 – No dia 9 de Março de 2017, recebi uma mensagem da Laura dando-me conhecimento de que tinha sido informada pela Comissão Fulbright de que o seu nome

iria ser proposto para substituir o do Professor João Lobo Antunes na presidência dos Fulbrighters de Portugal. Em 22 de Abril, outra mensagem da Laura informava-me de que tinha sido de novo operada, e que tinha sido convidada para “integrar o Conselho Consultivo de um Projecto da Unesco de criação de uma cátedra intitulada EDUCATING FOR GLOBAL PEACE SUSTAINABILITY”. O convite fora aceite com muita alegria, e a Laura pedia a Deus que lhe desse forças para colaborar condignamente.

A 19 de Abril de 2018 enviava, através da Sociedade Científica, uma chamada para colaboração destinada a um número temático da *Gaudium Sciendi* dedicado ao Programa Fulbright. O volume da revista não se concretizou, mas a Laura publicou, como coordenadora, através das edições Colibri, um volume comemorativo intitulado *Programa Fulbright*, em Março de 2019. Em Abril de 2021 enviava-me o convite para a Conferência "A Relação de Portugal com o Mundo", a primeira do 3º Ciclo de Conferências Fulbright", que organizara nesse ano em Fulbrighters Portugal- Alumni Association. Em Junho organizava "Enfrentar a Emergência Climática num Mundo Urbano: o Papel dos Cidadãos", a 4ª Fulbrighters Portugal Alumni Conference Series, 2021.

No dia 4 de Dezembro de 2021 enviou-me o *flyer* anunciando a 1ª conferência do 4º Ciclo de conferências Fulbright que organizara para 2022, bem como o Programa de todo o ciclo. Este, desdobrava-se em oito conferências, começando no dia 21 de Dezembro de 2021, e encerrando no dia 21 de Junho de 2022, sendo esta última conferência moderada por ela. Enviou-me, em Janeiro, o anúncio da conferência Fulbright “Medicina em Contexto Pandémico”.

As últimas mensagens que trocámos incidiram sobre a *Gaudium Sciendi*: a publicação do nº 21 e o desejo da Laura de celebrar os 10 anos de vida da revista através do nº 22, que preparava para publicação em Junho de 2022. A última mensagem que guardo, datada de 15 de Março de 2022, diz:

“Querida Luísa

Tenho o gosto de a informar que a revista *Gaudium Sciendi* faz este ano 10 anos pois o 1º número foi publicado em Março de 2012. Na minha qualidade de Directora, ficaria muito honrada se a nossa Presidente nos desse a honra de escrever um pequeno texto

a propósito dessa celebração. O número 22 da revista vai ser publicado em Junho de 2022.

Envio um amigo e saudoso abraço

Laura”

O seu falecimento, no dia 20 de Junho de 2022, veio interromper os projectos pelos quais se bateu até ao último dia. Mas o número 22 é agora publicado, consideravelmente expandido para incluir as colaborações de amigas e amigos da Laura, que quiseram, connosco, prestar-lhe uma justíssima homenagem.

Rest in peace.

Luisa Leal de Faria

APRESENTAÇÃO do LIVRO

TEORIAS DA CULTURA de Maria Laura Pires

Por Luísa Leal de Faria

(Universidade Católica, 17 de Novembro de 2004)

O primeiro aspecto a mencionar na apresentação deste livro é o facto de a autora se lhe referir como um "manual". Em meu entender é muito mais do que um manual, como espero vir a demonstrar ao longo desta apreciação — é também uma obra de reflexão sobre o estado da questão da teoria cultural. Mas, porque tem em vista sempre o aspecto instrumental que os manuais devem conter, oscila entre a apresentação, que quer descritiva, e o comentário que é, necessariamente crítico. A autora equilibra as duas perspectivas num texto riquíssimo de informação e, ao mesmo tempo, repassado por um sentido crítico que se revela de várias formas — umas vezes explicitamente, outras apenas implicitamente, nas entrelinhas, nas escolhas selectivas, nas omissões deliberadas.

A obra *Teorias da Cultura*¹ pode, a meu ver, ser lida em vários planos, e ser apreciada a vários níveis. Como "manual", cumpre cabalmente os objectivos que se propõe: ser um "guia acessível, explícito e actual para a realização de uma análise das mudanças de significados inerentes a um estudo alargado das Teorias da Cultura e das grandes questões debatidas em estudos culturais e disciplinas afins" (15). Mas, porque o território das teorias da cultura que se pretende cartografar, é de vastidão e complexidade impossíveis de fazer conter num volume, a Professora Maria Laura Pires reconhece ser "ambição irrealista tentar cobrir todos os aspectos e tópicos" e por isso procede a selecções que determinam quer a dimensão temporal, quer as teorias e os autores que irá privilegiar. Ao fazer estas escolhas, não raro situadas em territórios de ambiguidade, entre fronteiras disciplinares fluidas e imprecisas, a autora encontra-se, afinal, não num espaço de síntese e sistematização do conhecido, como aconteceria se estivesse a escrever um Manual de Teoria da Literatura, por exemplo, mas diante do que chama "uma ciência jovem", que "necessita de definir o seu objecto teórico e de produzir a respectiva metalinguagem por precisar de clarificação", o que transforma este Manual também num "texto de reflexão sobre esta matéria" (16). E aqui que, a meu ver,

¹ Maria Laura Bettencourt Pires, *Teorias da Cultura*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2004. As indicações numéricas entre parêntesis ao longo do texto reportam-se à paginação deste texto.

reside o seu aspecto inovador, aquele que transporta o Manual para um plano crítico que os seus utilizadores menos informados poderão não apreender, nem precisarão, mas que está subjacente, como uma trama imensa e complexa de saberes, que sustenta o desenho de contornos nítidos que emerge com uma simplicidade só aparente ao longo dos capítulos da obra.

Mas vejamos, então, que problemas, de natureza teórica e prática, a autora enfrentou e de que modo os resolveu, para depois podermos apreciar a estrutura do livro e conhecer um pouco do seu conteúdo.

Em primeiro lugar, a cultura não é um objecto de análise limitado, sobre o qual existe consenso. Qualquer discussão do conceito de cultura requer uma apreensão diacrónica dos vários significados que a palavra tem tido ao longo do tempo, dos significados que tem tido em línguas diferentes, bem como a apreciação sincrónica das suas afinidades transversais com muitos outros conceitos, como o de sociedade, de política, de arte, entre tantos outros. Além disso, as aproximações teóricas empreendidas desde há cerca de 150 anos ao conceito de cultura parecem apostadas em obscurecer o seu significado, em vez de o esclarecer, pelo menos no que diz respeito ao universo de língua inglesa: cultura de elite, cultura de massas, cultura popular, subcultura, multiculturalismo, são termos que se acotovelam para reclamar territórios de legitimidade para a análise da cultura, querendo cada um excluir todos os outros. Por isso, a análise da cultura é um campo polémico, onde, nas últimas décadas, se têm travado batalhas verbais, muitas vezes repassadas de acrimónia, onde o politicamente correcto reclama estatuto de verdade e impõe permanentes revisões ao adquirido. A teoria da cultura é, por isso, instável e também não é inocente.

Além da instabilidade intrínseca, a "cultura" como objecto de análise não pode, facilmente, isolar-se de disciplinas já estruturadas em teorias amadurecidas ao longo de décadas. A cultura reside na literatura, na sociologia, na filosofia, nas artes, na política, na economia, no direito, nas tecnologias - é transdisciplinar, o que leva alguns a desvalorizá-la como objecto de estudo, por entenderem que os estudos de cultura, a existirem, devem proceder dentro das disciplinas tradicionais. Outros, ao invés, reconhecem que o estudo da "cultura" tem vindo a autonomizar-se, tem, como todas as disciplinas em formação, começado a reunir um acervo de estudos sem dúvida diferenciados, polémicos, porosos — mas estudos que têm contribuído decisivamente para interpelar o mundo contemporâneo com um conjunto de instrumentos de análise e crítica que têm vindo a abrir novas e fecundas perspectivas para melhor

compreendermos as mudanças radicais ocorridas no mundo nas últimas décadas e imprimir revisões e reapreciações à cultura de épocas passadas.

A fim de começar a fazer a demarcação possível deste território em formação, o livro *Teorias da Cultura* começa, justamente, por discutir o que se entende por "teoria" e por "cultura". Não é possível, nesta apresentação, percorrer todos os argumentos avançados. Mas importa mencionar que a autora se detém na apresentação etimológica dos termos, na contextualização do seu uso sobretudo nas últimas décadas, entrelaçando a dimensão descritiva do acontecido com a dimensão crítica da problematização. Ao falar de "teoria" e de "cultura" a Professora Laura Pires mergulha desde logo o leitor no confronto de ideias, desde a gênese até aos nossos dias, percorrendo, com notável capacidade de síntese, um imenso universo histórico e teórico. No que se refere especificamente ao conceito de cultura, preocupa-se em dotar o leitor de um conjunto de instrumentos de trabalho, fundamentais para a análise da cultura, que vão da definição de categorias à apreciação das diferentes teorias construídas desde finais do século XIX, e às relações da cultura com a História, a Antropologia ou a Tecnologia.

O segundo capítulo do livro é dedicado à discussão da "modernidade". Aqui também não se introduzem rupturas temporais, como se a "cultura" fosse um fenómeno surgido apenas nos últimos séculos ou décadas. De novo a autora procura as raízes das palavras "moderno" e "modernidade", refere as variações no seu uso ao longo do tempo e à luz de diferentes autores e movimentos estéticos e sociais, estabelecendo ainda a diferença entre "moderno" e "modernista". Depois, no terceiro capítulo, discute o "Iluminismo". A um leitor menos avisado, que percorra rapidamente o índice da obra, poderia parecer estranho encontrar o Iluminismo entalado entre a modernidade e a pós-modernidade, objecto de estudo no capítulo seguinte. Mas a modernidade é o grande quadro temporal e conceptual onde o Iluminismo se situa com características paradigmáticas, que irão modificar definitivamente a cultura ocidental. Como os capítulos anteriores, o Iluminismo é tratado no plano do enquadramento histórico e da produção de teoria, que se problematiza com um subcapítulo dedicado à crítica ao Iluminismo.

A pós-modernidade e o pós-modernismo são o objecto do quarto capítulo da obra. Aqui, a autora confronta-nos com a instabilidade e imprecisão dos conceitos, e com a instabilidade da própria época que a pós-modernidade designa. Com imensa segurança, confronta o pensamento de Lyotard e Habermas, comenta as teses de Frederic Jameson e de Anthony Giddens, de Foucault ou de Baudrillard, de Lacan ou de Derrida. Parece-me ser este o capítulo charneira de toda a obra, onde culminam e se perspectivam no presente as considerações

anteriormente desenvolvidas. Procurando a precisão, define a pós-modernidade como um período ao qual corresponde a "construção de uma teoria cultural, social e filosófica recente que desfaz as divisões "cartográficas" da modernidade, que tinham sido artificialmente construídas e legitimadas em discursos e narrativas ideológicas patentes, por exemplo, nas noções de estado-nação, fronteiras nacionais, disciplinas académicas e formas de cultura hierarquizadas. Para iluminar a dinâmica do momento actual, requer-se uma estrutura transdisciplinar e perspectivas múltiplas em que se abandonam as premissas e os procedimentos da teoria moderna e se vai ao encontro das teorias emergentes" (92).

Se, nos capítulos anteriores, a obra evidencia a segurança de um saber eclético estruturado nas matrizes culturais do Ocidente, agora a autora tem que ousar aventurar-se em terras ignotas, por assim dizer. Continuando a usar a metáfora geográfica da cartografia, os novos territórios a explorar são particularmente difíceis, senão mesmo hostis. O objecto de análise, a cultura contemporânea, e a produção de teoria sobre cultura nas últimas décadas estão repassados de contradições, e a proximidade tende a dificultar a objectividade. Mas a Professora Maria Laura Pires confronta as ambiguidades, as contradições, os paradoxos, com uma imensa lucidez, enraizada na segurança com que domina uma extensa bibliografia actual, que problematiza com apurada inteligência, conseguindo reagrupar as partes, ordenar as diferenças, enquadrar as divisões. Obedecendo às mesmas matrizes organizadoras do texto que marcaram os capítulos anteriores, também neste usa a perspectiva histórica para descrever e problematizar os caminhos da pós-modernidade, repensando a racionalidade do iluminismo, a organização dos saberes na modernidade, o surgimento de novas tecnologias, as consequências do relativismo cultural associadas ao questionar da noção de "verdade". No subcapítulo sobre o enquadramento da pós-modernidade, percorre um extenso leque de posições críticas associadas à análise social e económica, desde as que caracterizaram os *New Times*, a sociedade pós-industrial, o capitalismo pós-fordista, ou o capitalismo desorganizado. As rupturas operadas pelo pós-modernismo relativamente aos conceitos modernos e iluministas são apreciadas, bem como as críticas que começam a surgir de vários quadrantes, que vêm lembrar a importância dos referenciais e dos valores de uma cultura multissecular, a cultura ocidental. As expressões do pós-modernismo nas artes — em especial na arquitectura, uma temática muito cara à autora — na literatura, no conhecimento, na ciência, nas novas tecnologias, são outros tantos tópicos abordados no essencial. A síntese final deste capítulo sistematiza as grandes questões e contradições contemporâneas, como a globalização e a insistência na "diferença", o relativismo, o cepticismo e a incerteza, o enfraquecimento da

autoridade social, a valorização da marginalidade, o questionar, afinal, das "grandes narrativas".

Por último, o capítulo quinto apresenta uma síntese do pensamento dos teorizadores mais determinantes na construção das teorias da cultura na pós-modernidade. Ao serem apresentados por ordem alfabética de apelidos, verifica-se que cada entrada, ou "ficha informativa", como a autora lhes chama na Introdução, constitui um subcapítulo autónomo, recheado de informação sobre cada um dos autores: Adorno, Althusser, Bakhtin, Baudrillard, Benjamin, Castells, Derrida, Foucault, Giddens, Gramsci, Guattari e Deleuze, Habermas, Jameson, Lyotard, Oakeshot, Vattimo, Virilio, são as referências a quem a Professora Maria Laura Pires decidiu dar maior proeminência. Relativamente a esta lista, importa referir que ela contempla autores frequentemente mencionados ao longo dos capítulos anteriores, mas nem por sombras esgota um quadro de referências muito mais extenso, que pode ser apreendido, desde logo, no índice remissivo, ou na bibliografia.

Dito isto, não resisto a comentar rapidamente o significado destas escolhas, correndo embora o risco de a minha interpretação não corresponder à intenção da autora. Desde logo, gostaria de acentuar o carácter plural desta selecção: encontramos teóricos alemães, franceses, italianos, ingleses, um espanhol, um americano. Nas referências ao pensamento de cada um, percebemos o entrecruzar de ideias, os diálogos implícitos, as polémicas que percorrem um âmbito não apenas geográfico, mas também temporal extenso, que não se fixa apenas nos anos sessenta/setenta em diante, mas recua aos anos trinta do século XX, e consolida referências feitas ao longo do texto. Nestas escolhas vejo ainda a preocupação de abrir o texto a várias vozes que construíram as principais variantes das teorias da cultura, referenciando as mais estáveis e fecundas, e evitando privilegiar esta ou aquela linha de análise. Aqui, os silêncios são tão reveladores como as afirmações. De uma forma subtil e elegante, ao longo de todo o texto, e neste capítulo de forma mais explícita, a autora evitou o enfeudamento fácil a posições altamente persuasivas, como as de Raymond Williams ou de Stuart Hall (várias vezes mencionados ao longo do texto, mas não destacados na selecção final) que poderiam, no entanto, vir introduzir uma perspectiva redutora por demasiado vinculada a uma "escola", numa obra que se quer "aberta".

O carácter didáctico que o texto se obriga a ter fica elucidado na introdução, à qual regresso para concluir. Se é verdade que me parece que *Teorias da Cultura* é muito mais do que um manual, também é verdade que na ordem imposta aos tópicos tratados, na simetria dos conteúdos apresentados nos quatro primeiros capítulos, no carácter elucidativo da introdução

a cada conceito, no cuidado posto na organização da bibliografia, a autora se preocupou em construir um instrumento de trabalho que, para usar as suas palavras, deverá motivar "os estudantes a refletirem e a debaterem as grandes questões que o tema implica" (19). Não tenho dúvidas de que, com este livro, serão alcançadas as metas descritas pela autora: "ministrar noções essenciais e conhecimentos básicos sobre Teoria da Cultura; ajudar os estudantes a desenvolverem capacidades de pensamento crítico, claro e lógico para interpretar os materiais e a resolverem problemas e elaborarem a sua interpretação pessoal, olhando criticamente para os debates contemporâneos sobre o tema em estudo; apresentar ao leitor um mapa do "território" para estudo tal como ele existe hoje em dia assim como um guia para esse mapa contendo referências aos conceitos e às ideias fundamentais em relação aos seus significados e origens" (id.).

Não tenho dúvidas de que o livro vai cumprir essas metas — como permanente estudante de teorias da cultura, eu já aprendi muito com este livro. Apresentá-lo aqui foi um privilégio que agradeço à Professora Isabel Casanova; mas sobretudo agradeço à Professora Maria Laura Pires por nos ter dado, a todos, um texto de qualidade e rigor, que desbrava caminhos e abre horizontes no novo território das teorias da cultura.

